

## “O DIÁRIO DE UM(A) VIAJANTE”: DESVENDANDO O CONTINENTE AMERICANO ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS DISCENTES

Autor: Isabela Nathália Nunes Tristão  
Email: tristaoisabela@gmail.com

### 1. Introdução: contextualização e motivações da atividade

Este texto decorre dos resultados de uma atividade de ensino desenvolvida com uma turma do 7º Ano do Ensino Fundamental II, a partir das aulas da disciplina de História. A principal finalidade da atividade foi utilizar as tecnologias articuladas à criatividade e à autonomia dos (as) estudantes para que o processo de “conquista” do Continente Americano fosse analisado e discutido através de problematizações feitas sobre o processo de colonização.

O título da atividade foi “O diário de um(a) viajante”. Foi proposto para os alunos e alunas da turma já mencionada que estes (as) se colocassem no lugar dos colonizadores europeus dos séculos XV e XVI e apresentassem, através da produção de materiais digitais, como explorariam o continente americano sem, necessariamente, promover ações violentas baseadas no eurocentrismo.

O principal objetivo do planejamento desta atividade decorreu da necessidade de aproximar os (as) discentes do processo de construção de conhecimentos e materiais didáticos, utilizando teorias e metodologias balizadas por uma perspectiva contra-hegemônica da História.

Comumente, a historiografia aponta as relações entre a Europa e o Continente Americano (principalmente a América Latina) como fundamentais para um “desenvolvimento dependente” deste último (KAPLAN, ANO). No entanto, ao pensar no desenvolvimento dos centros de poder dentro da Europa, é preciso salientarmos as ações de violências às quais os diversos povos americanos sofreram, tanto no âmbito da escravidão, como também na subalternização das suas ideologias, crenças e culturas.

### 2. Aplicações metodológicas

Como já mencionando anteriormente, a atividade desenvolvida e aqui focalizada se balizou na tentativa de fazer com que alunos e alunas de uma turma de 7º Ano do Ensino Fundamental II pudessem perceber, através da reflexão e da prática, como o processo de colonização do continente americano ocorreu, e quais foram os principais impactos dos contatos entre distintas culturas – locais e europeias.

A titulação de um “diário” que foi dada para atividade foi justamente para potencializar o processo de descrição e análise do modo como eles (as) mesmos (as) estavam se inserindo nesse contexto. Ou seja, o “Diário de um (a) viajante” foi um elemento que buscou trazer um pouco das subjetividades dos (as) discentes para os trabalhos desenvolvidos – articuladas aos acontecimentos históricos que vinham sendo discutidos nas aulas.



XVII CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
DE TECNOLOGIA  
NA EDUCAÇÃO

## Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

No momento de socialização da proposta da atividade, algumas questões problematizadoras e norteadoras foram colocadas para que os alunos e alunas pudesse ter um caminho metodológicos a ser seguido. Eles (as) foram orientados (as) a formarem duplas, e criarem uma expedição hipotética em seus diários. A partir disso, deveriam apresentar os locais de onde

saíram e os locais onde chegaram; utilizar e descrever mapas e objetos que poderiam auxiliar nas suas viagens (como bússolas e astrolábios, por exemplo); situar o (a) leitor sobre as condições da viagem, bem como da própria embarcação que, teoricamente, estava sendo utilizada; e, por fim, explicar quais as primeiras impressões sobre os povos nativos locais, os primeiros contatos e aspirações com as suas “conquistas”.

Durante o momento de apresentação da proposta, os alunos e alunas também foram instruídos (as) a utilizarem as suas criatividade exacerbadamente, respeitando e privilegiando os conteúdos e contexto histórico. E, nesse momento, puderam fazer contribuições sobre a construção da atividade em si. Considera-se que a atividade em evidência se fundamentou, principalmente, pelo diálogo e pelo respeito às diferenças.

A conversação tem um grande valor didático, pois desenvolve nos alunos a habilidade de expressar opiniões fundamentadas, e verbalizar a sua própria experiência, de discutir, argumentar e refutar opiniões de outros, de aprender a escutar, contar fatos, interpretar etc. além, evidentemente, de proporcionar a aquisição de novos conhecimentos. (LIBÂNEO, 1994, p. 168)

Com essa ênfase dialógica, foi possível discutir e conceituar alguns termos indispensáveis para o entendimento e a produção das atividades: interculturalidade, colonialidade e eurocentrismo. Esses conceitos foram trabalhados nas aulas de Histórias fundamentadas pelas seguintes habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EF07HI08) – Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências.

(EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência (BRASIL, 2018, p. 423).

### 3. Os resultados e impactos dos trabalhos desenvolvidos

Não existe uma “receita” pronta e bem elaborada para a efetividade do processo de construção de conhecimentos históricos nos ambientes escolares – principalmente a partir da perspectiva de atuação no Ensino Híbrido. No entanto, os alunos e alunas participantes na atividade aqui descrita e analisada estiveram divididos em dois grupos distintos (on-line e presencial), e atuaram conjuntamente de forma efetiva e dialógica.

As metodologias ativas num mundo conectado e digital se expressam através de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis, híbridos traz contribuições importantes para a o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje (MONRE, 2015).

Ao serem orientados (as) sobre as possibilidades e vantagens de utilização da criatividade,



XVII CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
DE TECNOLOGIA  
NA EDUCAÇÃO

## Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

os alunos e alunas apresentaram trabalhos que superaram as expectativas docentes. Os (as) discente utilizaram figuras, textos, “memes”, gírias e produziram os seus trabalhos em

plataformas variadas. Seleccionamos, como poderá ser observado a seguir, alguns exemplos de como essas atividades foram entregues.

Para mantermos o anonimato desses (as) alunos, apenas apresenta-se uma numeração para distinção das duplas (Dupla 1; Dupla 2; Dupla 3; Dupla 4). E, embora existam outros trabalhos entregues em formato de produções textuais que também se adequaram as orientações pré-estabelecidas, priorizou-se, a princípio, apresentar brevemente aqueles que produziram mídias visuais – vídeos, slides e imagens.



Vídeo 1: Trabalho apresentado pela Dupla 1  
Link: [https://www.youtube.com/watch?v=D8UGnRV\\_yKg](https://www.youtube.com/watch?v=D8UGnRV_yKg)



Vídeo 1: Trabalho apresentado pela Dupla 1  
Link: [https://www.youtube.com/watch?v=D8UGnRV\\_yKg](https://www.youtube.com/watch?v=D8UGnRV_yKg)

**XVII CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO**

**Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?**

**22 e 23 | setembro | 21**

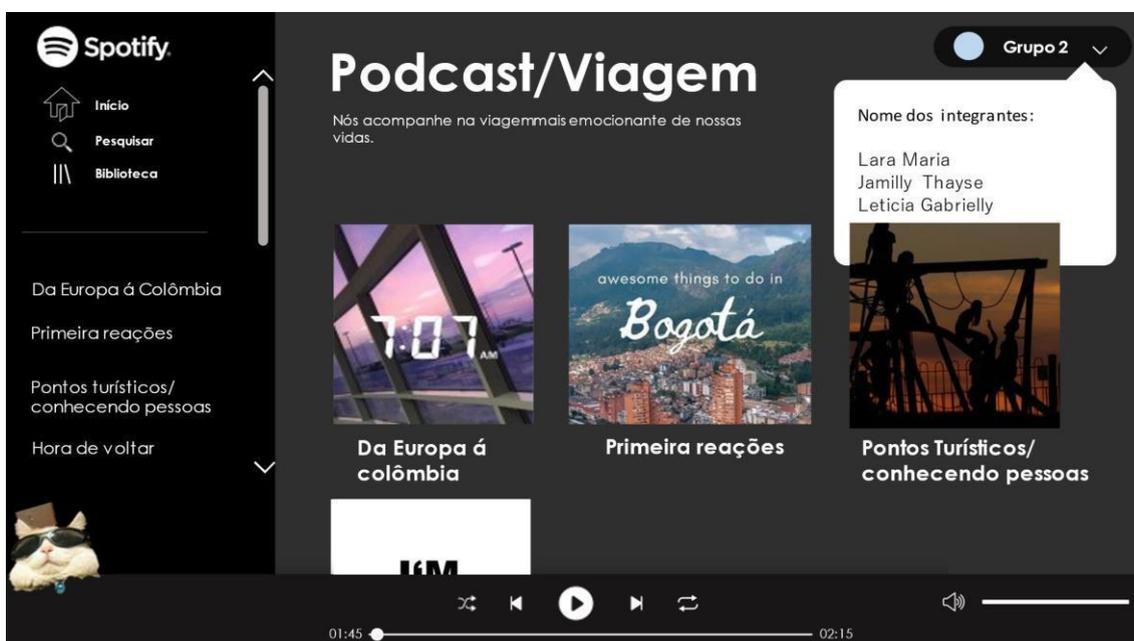


Figura 1: Trabalho elaborado pela Dupla 2  
 Formato: PowerPoint

Fonte: Elaboração própria dos (as) alunos (as) com base nos livros didáticos e mídias digitais

17 de março de 1500

**NAVEGAÇÕES**

Lisboa capital Portuguesa\_

sairmos de Lisboa para chegar em um rumo desconhecido, não sabemos o dia que iremos chegar e nem o dia que iremos voltar. Para a nossas embarcações nós usamos as caravelas Que são barcos pesqueiros.

Figura 2: Trabalho elaborado pela Dupla 3  
 Formato: PowerPoint

Fonte: Elaboração própria dos (as) alunos (as) com base nos livros didáticos e mídias digitais

## Utensílios

Nós utilizamos vários utensílios como:

Bússola: é composta por uma agulha imantada que se alinha com o campo magnético natural da Terra, permitindo saber a direção para a qual o navio segue, ou seja, o seu rumo ou derro

astrolábio náutico era um inclinômetro usado para determinar a latitude de uma embarcação no mar. Tal era possível, pois este dispositivo ao medir a altitude do sol ao meio-dia solar quando está no seu ponto mais alto, através da declinação do sol que era conhecida através de tabelas, media a latitude do lugar.



Figura 3: Trabalho elaborado pela Dupla 3

Formato: PowerPoint

Fonte: Elaboração própria dos (as) alunos (as) com base nos livros didáticos e mídias digitais

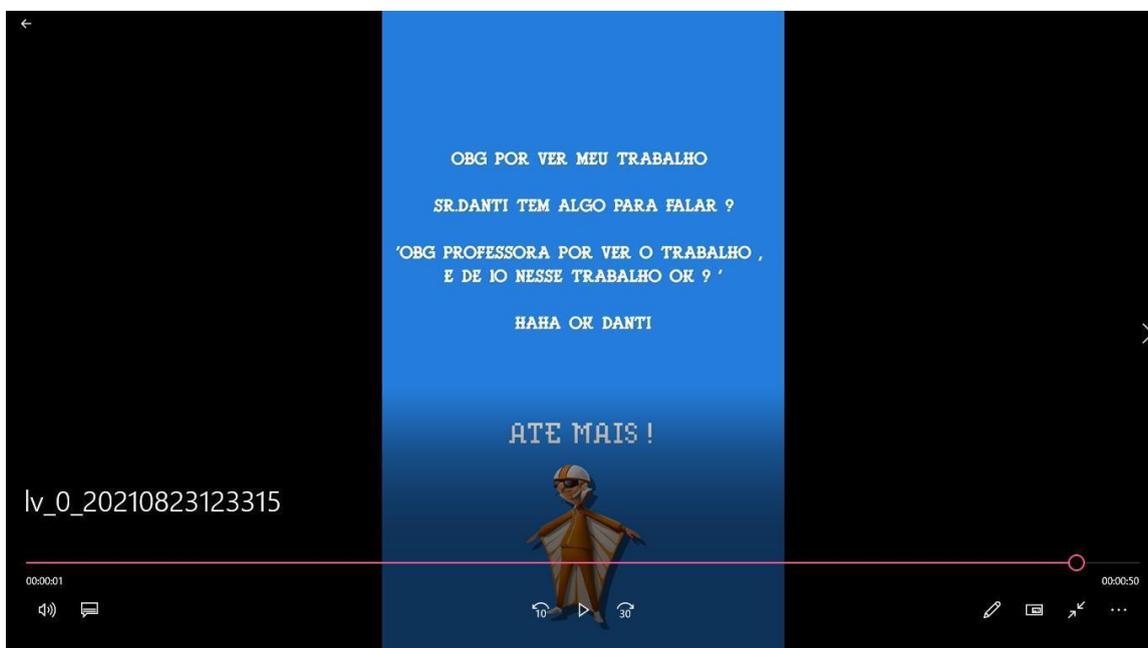


Figura 4: Trabalho elaborado pela Dupla 4

Formato: MP4

Fonte: Elaboração própria dos (as) alunos (as) com base nos livros didáticos e mídias digitais

Diante das imagens exibidas, pode-se perceber que os (as) estudantes entenderam a proposta da atividade e trabalharam de acordo com as suas subjetividades e gostos. Salienta-se, desse modo, que essa proposta trabalhou com a autonomia discente dentro de uma



XVII CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
DE TECNOLOGIA  
NA EDUCAÇÃO

## Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

perspectiva de produção de discursos não hegemônicos, ou seja, a partir da ênfase às

problematizações sobre o eurocentrismo e os impactos do processo de colonização – temas previamente debatidos nas aulas de História com a turma em foco.

### 3.1 Algumas considerações: problemáticas e lições

A principal problemática que fundamentou esta proposta de atividade foi perceber o quão dominantes são alguns discursos, de modo que as discussões entre o “eu” e o “outro” são sempre influenciadas pelas dificuldades de compreensão do mundo a partir do “nosso” próprio lugar, justamente graças ao legado epistemológico eurocêntrico (QUIJANO, 2005).

Apesar de ser possível afirmar que a produção dos trabalhos apresentados ocorreu de forma efetiva por toda a turma, é preciso reiterar que discussões que visam a desconstrução de pensamentos hegemônicos, principalmente em torno da História, não podem ocorrer de forma desconexa ou fragmentada. Destaca-se, desse modo, a necessidade e importância de um trabalho pedagógico – para todas as disciplinas - que contemple o diálogo e a autonomia discente. É a partir disso que se pode crer em experiências positivas e prazerosas nos processos de construções e trocas de aprendizagens.

### 4. Referências bibliográficas

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994

MORAN, José. *Educação híbrida: um conceito-chave para educação, hoje*. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVESANI, Fernando de Mello (Org). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.